

Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série
NÚMERO 5

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade
Guimarães, 30 de Maio de 1930

Redacção e Adm.: RUA DA REPÚBLICA, 24.
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Ecos. Notícias. Comentários.

Os tipógrafos que compõem este jornal são excelentes rapazes, sabedores, cuidadosos, etc. e tal; a pessoa que costuma revêr a gazeta tem igualmente belas qualidades e conhecimentos em barda. Apesar disso, a todos acontece, como é humano, um ou outro precalço.

O nosso último número prova-o exuberantemente. Gralhas aos montões, algumas daquelas de se lhe tirar o chapéu. Que o leitor lhes perdôe e nos perdôe. Seja tudo pelo amor de Deus...

*

Agora que a Penha começa a ser extraordinariamente frequentada, não é inoportuno, muito antes pelo contrário, fazer algumas sugestões à respectiva Comissão de Turismo, com o intuito de a coadjuvar no seu objectivo de aformoseamento e propaganda da bela e incomparável estância.

Por hoje chamaremos a atenção dos dignos membros dessa Comissão para o seguinte:

Todos os organismos similares, como, por exemplo, a Comissão de Propaganda da Costa do Sol, a de Turismo das Caldas da Rainha, a de Sintra, etc., costumam, nas épocas próprias, mandar afixar, nos lugares mais públicos das povoações, das vilas e das cidades, cartazes artísticos reclamando e proclamando as belezas e as condições particulares das estâncias a seu cargo. Alguns desses cartazes são verdadeiras obras primas de desenho e colorido, atraentes e sugestivos.

Porque não se há de fazer o mesmo no que respecta à Penha?

Não nos falta quem possa delinear formosíssimos cartazes. Os irmãos Pinas, os irmãos Cardosos e outros mais, artistas a quem a terra já tantos serviços deve, estão sempre prontos a fazer por ela tudo o que fôr necessário.

*

No nosso último número dissemos ter resultado um triunfo o êxito obtido pelo «Pró Vimarane». Não houve na afirmação o menor exagero.

De nada valeram os olhares vêsos dos eternamente desconfiados («quem muito desconfia não é certo...»), nem as cabálas urdidas pelos intriguistas e maldizentes profissionais. Indo de encontro ao rotineiro e indiferente comodismo que tanto tem caracterizado a vida vimaranense, este jornal apresentou-se como pioneiro desinteressado, enérgico e esforçado das aspirações e das necessidades da nossa terra.

Felizmente compreendido, acolhido com entusiasmo, a sua missão está muito facilitada, pois não lhe falta o ambiente favorável, o carinho público, para bem se desempenhar dela.

Reclamações locais

Seria interessante escrever-se — e havemos de escrevê-la um dia — a história das nossas reclamações locais, isto é, a história minuciosa, tanto quanto possível completa, dos esforços, anónimos uns, conhecidos outros, feitos por indivíduos e colectividades vimaranenses, no sentido de conseguir a efectivação de um sem número de coisas indispensáveis ao bom nome e ao desenvolvimento progressivo de Guimarães. Essa história revestiria, em certos lances, aspectos verdadeiramente dramáticos.

A romaria quasi constante até aos poderes públicos: hoje a Braga, amanhã ao Porto, depois a Lisboa; à partida, os corações alvorçados, cheios de esperança; à volta, os corações oprimidos por mais uma desilusão...

*

Guimarães nunca pediu coisa que não pudesse e devesse ser-lhe concedida. Guimarães não tem feito mais do que instar por que lhe sejam reconhecidos certos direitos que sempre teve e em má hora foram postergados, concedendo se-lhe o indispensável para viver de harmonia com as suas condições e importância.

Guimarães, atentas as suas extraordinárias condições, atenta a sua importância — não só sob o ponto de vista tradicional, histórico, em que nenhuma outra lhe leva a palma, mas também sob o ponto de vista económico-financeiro, em que só duas ou três se lhe poderão comparar — é, das cidades de Portugal, uma das que mais alto e mais claramente pode falar aos poderes públicos sempre que peça ou reclame seja o que fôr. Guimarães é uma das melhores fontes de receita do Estado; é bom uma vez mais repetir que para as despesas gerais do Estado contribue, ela só, mais do que todos os outros concelhos do distrito, incluindo Braga.

*

Que tem sido concedido a Guimarães?

Bem pouco.

Que falta conceder-lhe?

Muitissimo, quasi tudo o que desde há anos vem reclamando. Na verdade, a maior parte das reclamações locais esperam ainda solução, deferimento.

Porque a luta não tenha sido continua, persistente e tenaz?

Nada disso. Individual e colectivamente os vimaranenses têm, de uma maneira geral, sabido cumprir o seu dever.

*

Até hoje o argumento das «dificuldades do Estado», da sua

situação económico-financeira, poderia colher como justificação do indeferimento de um certo número de reclamações locais. Hoje, porém, que, felizmente, e segundo oficialmente foi tornado público, a situação do Tesouro melhorou extraordinariamente, tal argumento está longe de ter consistência, já não pode, de forma alguma, convencer.

De resto, reclamações locais há que em muito pouco, ou quasi nada, poderiam agravar as despesas do estado. Citemos um exemplo: a elevação à categoria de central do Liceu Martins Sarmiento.

Pode haver alguma coisa mais razoável, mais justa?

Quantas terras das que possuem liceus centrais, estão nas condições da nossa?

Bem poucas. As instalações do nosso liceu são, como ainda há pouco o escreveu o seu reitor, excelentes, podendo, sem exagero, figurar entre as melhores dos liceus da Província. Acresce que o Liceu serve uma área densa de população. Tem sido, porisso, sempre muito frequentado. Se, ultimamente, a frequência decresceu, isso se deve precisamente a ter ficado reduzido às 5 classes, o que faz com que os seus naturais frequentadores se matriculem noutros — embora mais distantes, com mais despesas e incómodos — que possam assegurar-lhes a continuidade de toda a carreira liceal.

O que se diz do liceu, aqui citado como exemplo, pode dizer-se, como atrás salientamos, da maior parte das reclamações locais.

Até quando?

Não desanimemos. Continuemos persistindo, continuemos lutando. Força de vontade e energia. Um dia venceremos.

Sejamos unidos, sejamos vimaranenses, sejamos irmãos — e venceremos!

Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães

Reúne no próximo domingo, pelas 14 horas, na sua sede, à Praça D. Afonso Henriques, a direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, a fim de resolver sobre assuntos e problemas de grande importância não só para a vida interna daquele organismo, mas principalmente, para a vida local.

Este número foi visado pela comissão de censura

Ecos. Notícias. Comentários.

E' natural que, atentas as circunstâncias atrás expostas, este jornal passe a publicar-se semanalmente, ainda antes de terminado o trimestre que decorre. Poderá assim adquirir uma acentuada feição noticiosa e informativa, feição que por agora lhe é difícil revestir, dado que, como se publica de dez em dez dias, muitas informações e notícias perdem oportunidade. Saberemos corresponder às provas de amizade e dedicação que de todos os lados temos recebido.

*

Realizou 3 récitas nesta cidade a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, agrupamento homogéneo e brilhante, que causou, como era de esperar, grande sucesso. A devida referência lhe será feita noutro lugar por quem de direito. Os dois artistas que dão o nome à Companhia são, sem dúvida, dos mais ilustres e consagrados da scena portuguesa. Contudo, que pena, que profunda tristeza, vê-los trabalhar no palco (?) de um barracão!...

*

Antes das récitas desta Companhia estiveram entre nós a «Companhia Popular» de Rafael de Oliveira e a «Companhia Sticini-Santos», a primeira durante dois longos e estirados meses, a segunda por três dias apenas.

Quere dizer: — a permanência verificou se na razão inversa dos valôres...

Sim, porque a tal companhia popular — digámo-lo agora, que não podemos causar-lhe quaisquer prejuizos, — era alguma coisa de medonhamente insuportável. O caso, porém, é que por cá foi ficando durante dias e dias.

Mau gosto?

Creemos que não. Outra é a explicação: — generosidade, filantropia, compaixão...

*

Ainda a propósito:

Ao noticiarem a vinda das companhias atrás referidas, alguns jornais referiram-se ao... «Teatro de Gil Vicente».

Lamentável, deveras lamentável. Aquilo não é um Teatro. Não tem para tanto quaisquer condições. E' um barracão — e por favor...

Mais adiante se dirá porquê.

*

Tornou-se público, logo a seguir à posse do sr. Governador Civil do Distrito, que S. Ex.^a visitaria Guimarães, afim de mais de perto conhecer as razões e os fundamentos de algumas reclamações do concelho, ouvindo, para esse feito, certas entidades.

Até hoje, porém — e já lá vão dois meses — ainda não tivemos

a honra dessa visita. Sabido quanto dela poderia resultar de útil e proveitoso, é caso para nos lamentarmos da demora...

*

Transcrevemos de «O Povo de Aveiro», de 25 do mês corrente:

«Veio a Aveiro a empresa Ester Leão-Alexandre de Azevedo. Representaram bem e levaram duas belas peças. No segundo dia, sábado, não havia na plateia mais do que, sem exagero, três dúzias de pessoas.

Num dos intervalos um sujeito que passava junto de mim, ia dizendo: «Em Aveiro é sempre assim. Quando é coisa boa, não vem cá ninguém. Sendo borra-cheira, enche-se o Teatro».

Está certo. Estúpidos sempre!»

Sem comentários...

*

Mostraram-nos uma correspondência desta cidade para o jornal «Póvoa de Lanhoso», na qual se lêem vários disparates sobre assuntos locais.

Não conhecemos o portento que os rabiscou; pela amostra, porém se vê que é de grande força, intelectualmente falando, é claro... E' o diabo quando se quer subir além da chinela. Outro ofício!...

*

Recebemos, entre outras, a revista «Portugal Feminino», da direcção e propriedade de D. Maria Amélia Teixeira, que tem a sua sede em Lisboa, na rua Diário de Notícias, 61. Como o seu título indica, interessa especialmente às senhoras. Apresenta-se magnificamente, dispondo de óptima colaboração.

Também recebemos «Vegetariano», jornal de higiene, terapêutica natural, pomicultura, floricultura, educação e turismo, dirigido pelos Drs. Amílcar de Sousa e Bentes Castelo Branco, que se publica há 18 anos com grande êxito, tendo como principais objectivos «batalhar por um Portugal Maior, Pomar da Europa, Cais do Atlântico, País de Turismo», etc. Redacção e Administração no Largo dos Loios, 50, 1.º, Pôrto.

Pela Junta Central da Companhia de Trigo foi-nos enviado um folheto em que são expostas desenvolvimento das bases dos trabalhos que se propõe levar a cabo, acompanhadas da legislação publicada sobre o assunto. Abre por uma vibrante e calorosa «Saudação à Lavoura» do Sr. Ministro da Agricultura.

Além dos colegas locais, recebemos a visita dos seguintes: «Jornal de Felgueiras», «Semana Tirsense», «A União», de Vila do Conde, «Barcelense», «A Voz do Sul», de Silves, «Comércio de Vieira». A todos muito obrigado. Vamos permutar.

*

Vai iniciar-se dentro de breves dias nesta cidade a subscrição para o monumento a construir em memória do nobre cidadão, grande homem de bem e patriota insigne que foi o Dr. António José de Almeida. Para esse efeito se está organizando uma Comissão com representantes de todos os agrupamentos políticos e de todas as classes.

*

Recebemos, enviado pela respectiva Companhia, um album

Na Associação Comercial e Industrial

Segue o texto da proposta de representação a enviar à Câmara sobre os ambulantes, apresentada na última sessão da Assembleia Geral da Ass. Comercial pelo snr. A. L. de Carvalho:

«Ex.º Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal: — O comércio lojista do concelho de Guimarães reunido em assembleia geral extraordinária na Associação Comercial e Industrial, requerem aos homens que governam o Município Vimaranesense a revisão das posturas reguladoras do comércio ambulante.

Não pretendem os signatários que se proibam ou coibam os referidos ambulantes de exercer a sua acção mercantil; porquanto, sabem muito bem que isso seria afrontar um direito estabelecido pela lei, a qual tanto ao lojista localisado como ao tendeiro ambulante, permite — liberdade de comércio.

O lojista do concelho de Guimarães, apenas deseja que a Comissão Administrativa Municipal exercendo uma atribuição que lhe é conferida pela lei n.º 88, artigo 44.º n.º 16, faça isto:

— *Que sejam estabelecidas licenças policiais e fixadas taxas de imposto aos que exercerem o comércio ambulante: mas taxas tão sensíveis como aquelas que, sob múltiplas formas tributárias, atingem o comércio localisado!*

Em suma: Os peticionantes tão sómente formulam votos de que o Município use para o tendeiro ambulante o mesmo tratamento que adopta para o negociante retalhista, sem jamais esquecer que, enquanto o lojista paga ao Município contribuições directas e varios tributos sob a designação de impostos, o chamado ambulante, quando não escapa à influencia do «olheiro» camarário, simplesmente paga uma taxa adocada de complacentes generosidades.

Tal é o que se verifica, iludindo-se a propria letra da ultima Postura, com manifesto agravo do comércio retalhista que a peticionou.

Porque sucede assim?

Vejam. Pesa contra a instituição do comércio, mormente contra o lojista mais em contacto com o publico, o apôdo deprimente de — explorador!

Será porque o retalhista do comércio exerça a sua actividade fóra de toda a concorrência?

Não. O lojista de retalho, dentro de cada modalidade de negócio e no mesmo bairro onde abre o seu estabelecimento, debate-se como é obvio, com a mais nutrida fuzilaria da concorrência. Por sua vez, são hoje em dia tão

acessíveis os meios de transporte ao público consumidor, que não é despropósito afirmar, ter o comércio da Província contra si o comércio dos grandes centros.

Ex.º Sr. Senhor:

O lojista, respeitável factor de ordem social e imprescindível agente de troca posto entre o produtor e o consumidor, não merece a injustiça de nenhuma antipatia: mormente a dos homens que fazem o govêrno da nossa vida Municipal. E não a merece, porque o comerciante lojista, de passo que é nas localidades onde pratica a sua actividade um excelente veiculo de receitas para os varios organismos da pública administração, coopera por maneira destacante na vitalidade e no embelezamento dos aglomerados urbanos.

Outro tanto se não verifica com o exercício do Ambulante. Mercador que, como soe dizer-se, «anda com o estabelecimento às costas», foge, qual nómada, às responsabilidades do seu mercadejar; foge às alcavalas tributárias que sem remissão, pezam sobre o lojista localisado; foge às sanções fiscais; ao horário de trabalho; à regulamentação do descanso semanal; ao próprio Código Comercial!

Eis porque o Ambulante é para o lojista um concorrente desleal, que, não sendo portador de vantagens para o cliente, com quem transacciona a dinheiro de contado, não traz beneficio ao Município que, como será óbrio afirmar, só lucra em proteger e animar o Comércio, — antiga instituição que ao lado da Indústria e da Agricultura, contribue para o progresso, para a riqueza e para a ordem social.

Com tais fundamentos peticionam os signatários que seja integralmente praticada a letra do artigo 486.º do Código de Posturas, respectivamente de deliberação de 2 de Dezembro de 1926, que regulamenta e estabelece taxas ao exercício do arcaico comércio ambulante.

Simplemente:

Importa eliminar dos §§ 3.º e 4.º do regulamento, aquelas restrições que apenas servem como porta falsa aos referidos Ambulantes, e, simultaneamente, retificar na tabela a alinea g), substituindo a palavra «mercadoria», por «mercaria», conforme da lógica gramatical se infere.

Divergindo a assembleia quanto à oportunidade da representação, foi por maioria deixada à direcção da Ass. Com. e Ind. a escolha da oportunidade para que junto da Câmara se peçam providências sobre o comércio dos ambulantes.

Por S. Torcato

UMA AVENIDA

Segundo informações em tempos vindas a público, e de que se chegou a fazer eco a própria imprensa, a digna mesa da irmandade de S. Torcato encontra-se na disposição de dar início a uma série de melhoramentos que, de verdade, são inadiáveis para aquela aprazível localidade.

S. Torcato, apesar de ser uma povoação relativamente pequena, tem no entanto já um nome creado, e é visitada durante o ano por muitíssimos turistas e forasteiros. E' justo, portanto, que saia da apatia em que tem vivido, e em que por assim dizer cristalisou.

Uma das obras necessárias — não falando já em linha telefónica, e na iluminação eléctrica — porque se vai dar início à projectada série de melhoramentos, dizem-nos que é a construção duma avenida que directamente ligue o local do santuário com a fonte denominada do Santo.

Achamos a ideia esplêndida, por quanto, além de tudo o que se possa alegar em prol desta obra, é indubitável que se torne necessário alargar, descongestionar o local em que se realiza o arraial, dando azo a que o forasteiro tenha mais por onde se recrear e divertir. Simplemente, e é sobre isto que desejamos escrever, não nos parece que a trajectória dada à projectada avenida seja o mais defensável. E' preciso que as obras a que se há-de proceder ali, não tenham o triste epilogo que outras teem tido anteriormente (com vista à construção do parque que, impensadamente se principiou, onde impensadamente se gastou tanto dinheiro, para afinal não se chegar a concluir).

Façam-se obras, achamos bem. Mas façam-se obras definitivas. Gaste-se dinheiro. Mas gaste-se dinheiro por uma vez só. Façam-se obras, sobretudo, que não tenham de ser destruidas ou modificadas amanhã. Construa-se em suma, uma avenida, mas uma avenida como deve ser.

Uma avenida presuppõe uma trajectória recta, direita, que faça a ligação dos pontos que se pretendem pôr em contacto o mais directamente possível. Uma avenida com curvas, cotovêlos, ou zig-zags, desculpem-nos, pode ser apelidada de estrada, de caminho, de viela, mas nunca de avenida.

Uma avenida como a que preconisamos e defendemos fica mais dispendiosa, leva mais tempo a concluir, acarreta talvez inimizades e más vontades? De acordo. Mas fica uma obra eterna. As gerações vindouras louvarão sempre essa obra definitiva.

Eis porque ousamos lembrar à digna mesa reflexão. As obras em tempos realizadas no parque — e nem há tanto tempo isso vai — devem constituir um aviso e uma lição.

Ruy de Lancastre.

CASA DAS MEIAS

A's nossas gentis leitoras recomendamos a CASA MARTINS por ser a casa que melhor sortido tem e os seus preços os mais baratos. Só na Casa das Meias que é a CASA MARTINS.

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou seda ou de tecido de algodão em fantasia?

Vá à casa

HIGH-LIFE.

Festas Gualterianas ou Feiras?

A opinião expendida nestas colunas sobre este assunto é, como bem se compreende, a da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães. E essa opinião é, em resumo, a de que devem realizar-se as festas Gualterianas, as Festas da Cidade, e não sómente as feiras.

Estas, repetimo-lo estão decadentes, muito decadentes. Pouca frequência, pouca animação. Pouquíssimo estímulo: — os prémios são insignificantes. Para lhes insuflar vida, para que readquiram a sua antiga importância, não há como, além de dar a quem a elas concorra possibilidades de uma maior retribuição material, enquadrá-las no programa de umas festas, não dizemos esplendorosas como as de 23, porque isso seria absolutamente impossível, mas com os atractivos bastantes para chamar os forasteiros.

Olhemos em volta de nós. Vejamos os exemplos que nos veem de fóra. Todas ou quasi todas as cidades teem as suas festas. E' ainda uma das maneiras de elas se tornarem conhecidas, de elas poderem mostrar a sua actividade, as suas condições de vida, os seus progressos.

Tratemos a sério da realização das Festas da Cidade. Duas colectividade sabemos nós que darão todo o auxilio à Associação Commercial: — a Sociedade de Defesa e Propaganda e a Ass. de Classe dos Empregados do Comércio. Em ambas elas há elementos cheios de vida, de mocidade, trabalhadores, dedicados, entusiastas, que já teem dado, em circunstâncias semelhantes, as melhores provas. E' aproveitá-los.

Enquanto é tempo. As coisas feitas à última hora nunca podem sair perfeitas. São dois meses, dois meses certos, à nossa frente. Sessenta dias chegam bem. Quanto a dinheiro — o «busilis» do problema... — há de aparecer, aparece com certeza. Ninguém se negará, na medida das suas forças, a contribuir para que reviva uma das nossas mais interessantes tradições.

Grémio do Minho

Na sua última reunião da Direcção entre o vário expediente figurava um officio do Sr. Dr. Domingos Pereira, agradecendo os bons desejos dos corpos directivos deste Grémio pelo seu rápido restabelecimento, um amável cartão do illustre colonial Dr. Francisco Veloso, e um officio do Sr. Dr. António de Barros, dando explicações, como membro da comissão de estudo sobre os presos das cadeias.

O Sr. Presidente informou os seus colegas da Direcção que, tendo pedido ao illustre consócio Sr. Dr. Leonel de Macedo para tomar sob a sua vigilância, como clínico, a saúde da pupila deste Grémio, filha de um minhoto pobre há pouco falecido, este de uma forma digna de registo, nos deu o prazer da sua anuência, tomando o Grémio a seu encargo o fornecimento de medicamentos e vestuário.

Verificando-se haver já alunos em número suficiente para poder funcionar a aula de estucador-decorador, no que esta Direcção se encontra altamente empenhada, resolveu-se abrir a inscri-

Poetas Vimaranenses

Cantigas da minha Terra

Por Delfim de Vimaranes.

*Na Praça de S. Tiago,
Negra, suja e deletéria,
Quem lá cair cai num lago
De desgraça e de miséria...*

*Eu quando à noite passei
Por ti, no largo d'Arcela,
Acredita, não gostei
Que arrastasses a chinela!...*

*Também tem saia o abade,
Cobre-lhe quasi os artelhos...
A tua, simples metade,
Sobe acima dos joelhos!...*

*Eu tenho em Ronfe o meu Bem,
Tecedeira e nada feia...
Topei-a no Pevidem
Onde foi buscar a teia...*

*Usas saia de flanela
Muito curta e sem largura...
Se for's assim à capela,
Ai! que responso do cura!...*

*Tu foste ao Selho banhar-te,
E o Selho — que bóca a sua!... —
Espalhou por toda a parte
Que te abraçou toda nua!...*

*Quando os dois formos velhinhos
Havemos, sim, com saudade
Recordar, muito juntinhos,
Nossa doida mocidade!...*

*E a morte um dia há de vir,
E então a nossa alegria
Irá juntinha dormir
No silêncio da Atouguia!...*

*Se te ris dos pobresinhos
Todo eu com dôr me contristo...
E' que entre tantos velhinhos
Um pode ser Jesus Cristo!...*

*No casar erraste as contas,
Prefiro morrer solteiro...
Há muita falha de pontas
E teu pai é pentieiro...*

*O cachaco rapadinho,
As sobranceiras... protesto!
Se vais por esse caminho
Um dia rapas o resto!...*

*As pinturas que num mês
Fazes na cara — à vontade
Davam de sobra (talvez!...)
P'ra pintar meia cidade!...*

ção dos alunos de forma que a referida aula possa ter o seu início no próximo mês de Junho. A abertura deste curso deve ser solenizada com uma conferência sobre «Arte decorativa» feita por um técnico e que terá lugar na nossa séde em data previamente anunciada.

O Sr. Presidente informou também que, tendo tido conhecimento que o illustre director do jornal «O Século», Sr. João Pereira da Rosa, tinha dado entrada no hospital de S. Luís afim de ser submetido a uma melindrosa intervenção cirúrgica, foi em seu nome individual e no de todos os corpos gerentes do Grémio do Minho informar-se do estado de saúde do illustre enfermo, tendo verificado que as melhoras se vão acentuando.

A Direcção regosijou-se também por se terem acentuado as melhoras do seu illustre consócio e digno membro da Comissão Central, Sr. Amadeu de Freitas, deliberando officiar-lhe nesse sentido.

Por unanimidade foi aprovado e exarado na acta um voto de agradecimento ao proprietário da Foto Vasques pela oferta que se dignou fazer de umas fotografias da pupila deste Grémio e afillhada da Tuna Académica de Lisboa.

Resolveu-se por último que as costumadas festas populares de Santo António, S. João e S. Pedro, se façam nas vésperas daqueles dias nas salas do Grémio.

«Pro Vimarane» põe acima de tudo a nossa terra. Por ela luta e lutará, sem desfalecimentos. Assiná-lo é assinar um jornal regionalista, onde a voz de todos os vimaranenses se faz ouvir, sem preocupações politicas ou quaisquer outras.

Vimaranenses, lêde e propagai o «Pro Vimarane!»

PELO TRIBUNAL

Distribuição feita na audiência de 22 do corrente:

Notificação de Luísa da Costa Ribeiro do Nascimento e outros, de S. Torcato, contra Manuel Martins de Melo, da mesma freguesia. — 5.º officio, esc. Baptista.

*

Na audiência de 26:

Carta precatória para penhora, vinda do Tribunal do Comércio do Porto, do M. P. contra António Fernandes da Silva, desta cidade. — 2.º officio, esc. Rodrigues.

Idem para inquirição de testemunhas, vinda do mesmo Tribunal, extraída dos embargos de terceiro de Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, contra o M. P. — 5.º officio, esc. Baptista.

Idem, idem, vinda de Fafe, extraída da acção ordinária de Fernando Fernandes, de Golães, comarca de Fafe, contra Manuel de Sousa, da mesma freguesia. — 4.º officio, esc. Graça.

*

Na audiência de 29:

Acção de separação de pessoas e bens, de António Gualberto Pereira, contra sua mulher. — 4.º officio, esc. Graça.

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

Resposta a certos reparos...

Sabemos que, ao ver os recibos da cobrança deste jornal, houve quem soltasse um *oh!* de espanto.

Carissimo. Pode lá ser?!... Cinco tostões cada número?! Quatro e quinhentos de três em três meses?! Exagêro, expoliação! Por tão pouco papel! Por dois tostões tenho eu o «Comércio do Porto», com montões de original, dando um bom rendimento de papel...

Ora, como toda a gente sabe, os jornais como o «Pro» vivem única e exclusivamente das assinaturas, em número geralmente muito reduzido, nunca superior, na melhor das hipóteses, a uns setecentos ou oitocentos, tendo um rendimento proveniente de anuncios absolutamente insignificante. Os jornais como o «Comércio» e iguais, além de outras facilidades e condições, vendem-se por dezenas e dezenas de milhares, tem tipografias próprias e um formidável rendimento de anuncios e publicidade.

Mas, ponto. Comparar um caso com outro é, ja por si, marca flagrante de absoluta falta de critério.

Compreenderão isto aquêles que tudo costumam discutir sem perceber coisa alguma?...

Explicação desnecessária

Com o titulo «Breve resposta a uma pergunta infeliz» publicamos no último número uma local apreciando uma outra publicada no nosso presado colega «Comércio de Guimarães» sob o titulo «Que há?».

Com a desenvoltura que nos é peculiar nos referimos à prosa do colega, criticando-a, por a acharmos menos justa e inoportuna. A nossa desenvoltura, porém, não entra, nem jámais entrará, pelas fronteiras da malcriadez. Assim o reconheceu o «Comércio», que ao responder-nos, por sua vez, nos endereça as mais amáveis palavras, palavras que muito reconhecidamente agradecemos.

Desnecessário será repetir a afirmação de que nunca julgamos que o nosso colega tivesse andado de má fé ao perguntar «que há?». Perfeitamente sabemos que o animo, como a nós, antes e acima de tudo, e o desejo de contribuir o mais que puder para o engrandecimento da nossa terra.

Não se melindrou o colega, e fez bem. E com os nossos cumprimentos, os protestos da nossa solidariedade em tudo o que fôr por Guimarães.

A Casa MIGH-LIFE é a que mais barato vende: Perfumarias dos melhores autores, Camisaria, Artigos de bordar, Miudezas Modas e Gravatas.

CAMISAS MODERNAS

Camisas de lindos percais a 22\$50. Destas em popeline a 30\$00. O melhor sortido em popelines, lindas cores modernas. Vejam o nosso cartaz de amostras. Confrontem os nossos preços.

Só na CASA MARTINS.

CASA PIMENTA
 DE
ALBERTO PIMENTA MACHADO
 FIBIAB - Rua 31 de Janeiro

Completo sortido de tecidos de algodão e lã para vestidos. Enorme variedade de casimiras para fatos. Estambres e elasticotines, ingleses.

NÃO COMPRAR SEM VER OS SEUS PREÇOS.

**Fábrica de Pentas
do Ribeirinho**

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS
 ARMAZENS EXPORTADORES

Telefone 128

Guimarães - Portugal

ATOALHADOS E LINHOS

Gonçalves & Castro, L.^{da}
 GUIMARÃES
 Largo Prior do Crato, 7-8-9

*Completo sortido de todos os
 tecidos próprios para enxovais
 Lindas colecções de bordados de Guimarães
 e uma grande variedade de
 tecidos para roupas interiores*

Preços das fábricas

Papeleria - Perfumarias - Tabacos
 Gramofones e discos - Radiotelefonía
 Papeis de embalagem - Fio - Papelão

CASA IDEAL
 JOAQUIM LEITE MONTEIRO
 28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

CASA DE SANTA TERESINHA
 122, Rua da República, 122-A
 GUIMARÃES

Papeleria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório
 Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.^a Comunhão,
 Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas
 laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas
 para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários,
 Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

**ALFABETARIA DE
RIBEIRO, FILHO**

*participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber
 um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões*
Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.
 9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

**CASA DAS GRAVATAS DE
Dias & Carvalho, L.^{da}**

43, Rua da República, 47 - Telefone 188 - GUIMARÃES

Chapelaria, Camisaria e Gravataria
*Completo sortido em meias, peugas, popelines, bolsas, malhas,
 guarda-chuvas, perfumaria, miudezas e artigos de novidade.*

CASA REBELO
 117 - Praça D. Afonso Henriques - 118
 GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos
 próprios para a estação de verão
 a preços baratíssimos.
 Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

CASA MARTINS
 A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criação*.
 Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gra-
 vatas, Chapéus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Cal-
 çado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato
 Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

Francisco Ribeiro de Castro

Papeleria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos
 Representante em Guimarães e norte de Portugal das Canelas Conklin - Endura

Casa das Novidades	Artigos fotográficos	Papeleria Central
Rua da República, 103-A e 105-A	Telefone n.º 149	FILIAL
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	GUIMARÃES	Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13